

SAUDADES DE UM ÍCONE DA EDUCAÇÃO

Vanderlei Balbino da Costa ¹

RESUMO

O presente relato não se refere a uma pesquisa, um estudo científico ou um projeto de ensino. Diria que a narrativa trata da tentativa de fazer um diálogo entre um sujeito, leitor, admirador, (des)provido da visão com um ícone da educação brasileira que marcou época com seus escritos, sendo lido por dezenas de nações mundo afora. Não há uma questão de pesquisa que suleou esse relato. Há sim reflexões para elucidar, algo para relatar, histórias para narrar, memórias para (re)memorar, lembrar. Meu objetivo neste relato foi: apresentar as principais contribuições de Freire para a educação, procurando elucidar seu legado enquanto educador, capaz de atrair milhões de leitores ao redor do mundo em torno de seus escritos. Optei em fazer um relato exploratório, comentando brevemente sobre suas principais obras. Lancei mão de estudos (auto)biográficos, narrativas, biografias escritas por autores que escreveram sobre este admirável educador. Não concluí o relato por acreditar que em apenas algumas laudas este feito não seria possível. Parei aqui, apenas expressando: Saudades!!!

Palavras-chave: Educação, Humanização, Emancipação, Esperança, Autonomia.

RESUMEN

El presente relato no se refiere a una investigación, un estudio científico ni un proyecto de enseñanza. Diría que la narrativa trata de la tentativa de establecer un diálogo entre un sujeto, lector, admirador, (des)provisto de la visión, con un ícono de la educación brasileña que marcó una época con sus escritos, siendo leído por decenas de naciones alrededor del mundo. No hay una cuestión de investigación que ensucie este relato. Hay sí reflexiones para dilucidar, algo para relatar, historias para narrar, memorias para (re)memorar, recordar. Mi objetivo en este relato fue: presentar las principales contribuciones de Freire a la educación, buscando dilucidar su legado como educador, capaz de atraer a millones de lectores alrededor del mundo en torno a sus escritos. Opté por hacer un relato exploratorio, comentando brevemente sobre sus principales obras. Recurrí a estudios (auto)biográficos, narrativas, biografías escritas por autores que escribieron sobre este admirable educador. No concluí el relato porque creo que en apenas unas cuantas páginas este logro no sería posible. Me detuve aquí, simplemente expresando: ¡Saudades!

Palabras clave: Educación, Humanización, Emancipación, Esperanza, Autonomía.

ABSTRACT

The present report does not refer to research, a scientific study, or a teaching project. I would say that the narrative deals with an attempt to establish a dialogue between an individual, a reader, an admirer, (un)endowed with vision, and an icon of Brazilian education who made a mark in an era with their writings being read by dozens of nations worldwide. There isn't a research question that has stained this report. Instead, there are reflections to elucidate,

¹ Doutor pelo curso de Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - UFSCars, vanderleibalbino@ufj.edu.br.

something to report, stories to narrate, memories to (re)memorize, to remember. My objective in this report was to present the main contributions of Freire to education, seeking to clarify his legacy as an educator capable of attracting millions of readers globally to engage with his writings. I chose to create an exploratory account, briefly commenting on his main works. I relied on (auto)biographical studies, narratives, and biographies written by authors who have written about this admirable educator. I did not conclude the report because I believe that in just a few pages, this accomplishment would not be possible. I stopped here, only expressing: Longing!!!

Keywords: Education, Humanization, Emancipation, Hope, Autonomy.

INTRODUÇÃO

Abro essa narrativa, ou este simples relato para dizer que nestes parágrafos iniciais utilizo de minha (auto)biografia para dizer que sou um sujeito (des)possuído da visão, cidadão do mundo, professor, defensor de uma Educação que pode ser mediada em todos os *espaçostempos*. Peço licença aos leitores nesses excertos de textos para dizer que após 32 anos de caminhada na Educação, tenho uma certeza: falar de Paulo Freire em um artigo, de sua trajetória, de suas obras, seus escritos é muito pouco, considerando o quanto este significa para à Educação. Utilizo da minha (auto)biografia escrita por Bueno (2002, p. 20), para dizer que autobiografia é:

Uma micro relação social. Aquele que narra sua história de vida sempre narra para alguém, ou seja, no processo de elaboração de sua narrativa há sempre a tentativa de uma comunicação, mesmo que seja sem um interlocutor imaginário, como é o que muitas vezes acontece com os diários íntimos.

Intimidade essa que penso ter tido ao longo dessas três décadas lendo Freire.

Era o ano de 1986 em uma cidade do interior de Mato Grosso, iniciava meus primeiros passos em direção à educação. Matriculava em um curso de magistério, um sonho, ser professor. Hoje, já se passaram 37 anos e os excertos de textos me fazem lembrar dos *espaçostempos* que vivi. Me apoio em Souza (2007, p. 63), para dizer que:

Memória é a escrita no tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.

Confesso que fiz um esforço acentuado para falar deste memorável educador que acabou de completar um século de existência entre nós.

No meu primeiro ano de magistério tive um adorável professor que mesmo ministrando a disciplina de Filosofia da Educação, falando sobre deuses gregos, mito da caverna, Sócrates

e sua maiêutica, Platão e a República, Aristóteles e sua lógica, ainda não entendia como ele conseguia mencionar Paulo Freire em suas magníficas aulas. Ao se referir minha trajetória enquanto estudante, cidadão, professor, me apoio em Catroga (2001, p. 46), ao enunciar que:

A memória é, mais que um mero registro, objetiva-se em uma narrativa coerente que, em retrospectiva, doméstica ou aleatório, ou casual, os efeitos perversos do real passado quando este foi presente, atuando como se, no caminho, não existissem buracos negros deixados pelo esquecimento.

Reservo o direito de neste relato de experiência, nesses excertos de textos narrados sobre minha vida, desde a 7ª série, conforme falávamos nos anos de 1980, tinha muitos sonhos, um deles, ser professor. Desse modo, preciso ressaltar que em 1989, ingressei na universidade pública, fiz licenciatura plena em História, especialização em Didática e Administração Escolar, mestrado em Educação, doutorado em Educação Especial, pós-doutorado em Produção de Identidades dos Professores com Deficiência, vivendo e convivendo com magníficos educadores que hora ou outra mencionavam Paulo Freire.

Reflexões: brotava em minha memória, minava em meu imaginário, perfilava em meu cérebro indagações: Quem é este educador que durante décadas desperta curiosidades? O que ele faz para atrair atenção de milhares de profissionais? Por que é tão indicado desde o meu 2º grau lá no magistério, licenciatura, especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado pelas universidades *espaçostempos* por onde andei? Lembrar de Freire, reviver seus tempos, ler seus escritos é sem sombra de dúvidas defender uma educação libertadora. Frente ao exposto, me apoio em Marquesin e Ferragut (2009), para narrar a História desse memorável educador. Desse modo, relatam: “a narração é o ato de contar Histórias; é um processo formativo; transmite valores e conselhos e tem como principal características a sequencialidade” (MARQUESIN; FERRAGUT, 2009, p. 27). Sequencialidade essa que nos movem e que requer de nós força para nos manter firme.

Tempos passavam, e, cada vez mais me interrogava: quando vou ler seus livros a época apenas impressos, se sou um sujeito (des)provido da visão? *Espaçostempos* correram, o mundo se modernizou, a rede mundial de computadores nasceu, leitores de tela surgiram, tablets, smartphones, Kindle, chegou até mim. Conquistei minha autonomia, posso ler seus escritos em todos os lugares. Conforme já enunciei, nesses parágrafos iniciais, utilizo das narrativas para relatar brevemente sobre minha trajetória. Me apoio em Souza e Cordeiro (2007, p. 5), para dizer que é:

Tempo de lembrar, de narrar, de refletir, de construir associações, de estabelecer sentidos aos que foram vividos, a partir de significados particulares e coletivos de diferentes experiências formadoras, as quais são reveladas nas capacidades e no

investimento do ator falar e escrever sobre sua história de vida e de formação, construída sobre si mesmo.

Histórias essas que de forma alegre narramos sobre trajetórias, feitos e legados freireano.

Hoje, sou professor universitário, tendo atuado 18 anos na educação básica e 14 anos no ensino superior, graduação e pós-graduação, tenho uma certeza: este educador é realmente magnífico, é capaz de conversar com trabalhadores ao lado confortável de um Angico, ensinar A Sombra De Uma Mangueira, falar com os outros, não para os outros, crer nos homens, defender que o diálogo é o encontro dos homens mediatizados pelo mundo, não esgotando na relação “Eu Tu”.

Caríssimos leitores, nesses milhares de caracteres, centenas de palavras, diversas laudas, dezenas de linhas, muitos parágrafos, falei de mim, fiz um relato de minha trajetória desde meu ingresso no magistério, narrei mesmo que brevemente meu desejo de conhecer este magnífico educador. Devo dizer que até aqui falei de mim. Me apoiarei em Queiroz, (1991, p. 19), quando afirma que narração é “o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir as experiências que adquiriu”. Agora, me dirijo a vocês para pedir licença, falar de um ícone da educação que seguramente marcou épocas com seus escritos, sendo lido por diversos povos, dezenas de nações, milhares de cidadãos que veem à educação uma ação de liberdade, humanização e emancipação.

Palavras, linhas, dezenas de frases, centenas de parágrafos, diversas páginas nesses excertos de textos, enfim, milhares de caracteres espalhados neste artigo não são o bastante para narrar, relatar, descrever, (re)memorizar a trajetória de Paulo Freire na Educação brasileira desde 19 de setembro de 1921 quando nasceu em Pernambuco, vindo se tornar um dos mais admirados educadores no último centenário. Lanço mão da memória para dizer que de acordo com Amado (1995, p. 132):

A memória torna as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projetando o futuro. Graças a essas capacidades da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro.

Penso que Freire, eternamente será um educador presente nas nossas práticas pedagógicas, nos vários *espaçotempos*, hoje, agora e no futuro.

Não sei. Tenho muitas dúvidas. Aliás, dúvidas pairam em minha frente quando me proponho relatar, descrever, narrar trajetórias de pessoas memoráveis como a de Paulo Freire que em 2021 completou Cem anos, um século nos mostrando que a Educação em todos os *espaçotempos* pode se tornar “libertadora, humana e humanizante”. As experiências de

formação defendida por Paulo Freire nos revelam o quanto este foi sábio aos educadores. Deste modo, me apoio em Benjamin, (1994, p. 221), ao pontuar que:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como os sábios, pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida. Uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia.

O saber freireano nos põs frente algumas reflexões: como falar com os outros? Não para os outros.

Não obstante, nesta narrativa, preciso pontuar que neste relato reflexivo, não tenho uma questão ou um problema de pesquisa para indagar ou responder. Tenho sim reflexões para elucidar, algo para relatar, histórias para narrar, memórias para (re)lembrar.

Em nossas reflexões, diria que são muitos os objetivos que poderiam ser almeçados. No entanto, acredito que em um artigo com poucas laudas, isso não será possível, considerando a vasta contribuição que este ilustre educador trouxe à Educação que em sua perspectiva, precisa ser “libertadora, humana e humanizante” (FREIRE, 1992, p. 91). Desse modo, meu objetivo foi: apresentar as principais contribuições de Freire para a Educação, procurando elucidar seu legado enquanto educador, capaz de atrair milhões de leitores ao redor do mundo em torno de seus escritos.

METODOLOGIA

A opção neste estudo reflexivo, priorizou a investigação qualitativa. Neste sentido, apoiamos em Lüdke e André, (1986, p. 11), ao pontuar que “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Para tanto, lançamos mão também de pesquisa exploratória em artigos, obras, teses, dissertações, dentre outros (SEVERINO, 2016).

Se considerarmos que lancei mão das narrativas para falar brevemente deste educador, me apoio na abordagem biográfica, como técnica de coleta. Souza (2006, p. 39), acentua que “a abordagem biográfica tanto é método, porque logrou no seu processo histórico vasta fundamentação teórica, quanto é técnica, porque também gozou de conflitos, consensos e implicações teóricos-metodológica sobre a sua utilização”.

Não há um método pronto a ser seguido, uma metodologia única para me apoiar, nem um único caminho para trilhar. Diria: há sim, histórias de vida para ser elucidadas, em especial, porque me proponho falar de Freire, narrar sua trajetória, apresentar um pouco de seus escritos

não apenas aqueles que já leram suas obras, mas também aos que nunca se sentiram tocados a degustar conhecimentos sistematizados, saberes partilhados, enfim, diálogos experienciados por ele nos últimos cem anos.

Conforme já acentuamos, falar de Paulo Freire em apenas um artigo não se configura uma tarefa fácil, considerando a dimensão socioeducacional que este representou à educação. No entanto, me apoio em fragmentos de suas obras, excertos de textos por ele publicados, biografias que seus admiradores fizeram para dizer que o principal procedimento utilizado para escrever essas poucas laudas se consubstanciaram em roçar brevemente meus olhos em seus escritos, procurando expressar aos leitores o quanto este foi significativo para a educação nos mais longínquos *espaçostempos* espriados mundo afora.

Nas palavras escritas e não escritas (CALVINO, 2010), lanço mão das narrativas para falar de Freire, relatar sua importância na Educação, biografar sua vida enquanto educador que ao lado de um Angico, ou A Sombra De Uma Mangueira mediava conhecimentos com diferentes sujeitos, partilhava saberes com todos que estivesse ao seu redor, falava com os outros e não para os outros.

REFLEXÃO: TRAJETÓRIAS DE VIDA, FEITOS (CON)SENTIDOS E LEGADOS (CONS)TRUIDOS

Nos parágrafos que se seguem, penso ser necessário narrar, mesmo que brevemente sobre a vida, feitos e legados deste educador que foi, é e continuará sendo lido por milhares ou milhões de pessoas mundo afora, considerando que o mesmo não apenas ensina os outros, mais importante, aprendem com os outros, seja ao lado de um Angico ou A Sombra de Uma Mangueira. Ao mencionar feitos desse educador me reporto aos escritos de Connelly e Clandinin (1995, p. 11), ao enunciar que “as narrativas não são meras descrições da realidade, elas são, especialmente, produtoras de conhecimentos que, ao mesmo tempo que se fazem veículos, compõem os condutores”. Para os autores, a razão principal para o uso das narrativas em educação é que os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que individual e socialmente, vivem vidas contadas. Por isso, pode-se afigurar que o estudo das narrativas é o estudo da forma como os sujeitos experimentam o mundo.

Paulo Freire, ao longo de cem anos seguramente se tornou um dos maiores pensadores da educação no Brasil e em outros países mundo afora. Sua vida enquanto educador foi de dedicação as crianças, jovens e adultos defendendo a tese de que a educação é uma ação de liberdade.

Me parece difícil neste ensaio, narrar a trajetória de Paulo Freire, considerando que o mesmo iniciou sua carreira profissional sendo auxiliar de ensino no colégio onde estudava, vindo a se tornar conhecido por dezenas de países, recebendo mais de 40 prêmios, escrevendo mais de 30 livros e recebendo 29 títulos de doutor *honoris causas*.

Sonhos, ideais, utopias, talvez tenha sido as palavras chave de Freire quando acreditava na possibilidade de que é possível educar homens, mulheres, crianças, jovens e adultos, oferecendo-lhes as ferramentas que lhes propiciassem a reflexão. Seguramente dentre seus maiores feitos, o mais significativo foi a criação do método, não necessariamente de alfabetização, visto que outros já escreveram sobre. Talvez o mais importante tenha sido o método da reflexão, capaz de em plena década de 1960 levar trabalhadores refletirem sobre sua própria realidade. Freire, preocupado com o grande número de adultos excluídos nos vários Estados nordestinos, sua proposta de ensino se baseava no vocabulário do cotidiano dos trabalhadores, cuja intenção era inicialmente entender a própria realidade que os cercava.

Nesses excertos de texto, preciso acentuar que em 1962, este educador com sua proposta de alfabetização conseguiu fazer com que 300 trabalhadores do campo em apenas 40 horas de aula passassem a ler e escrever diversas palavras. O feito é registrado até hoje quando lemos seus escritos e assistimos o projeto de Angicos capaz de alfabetizar centenas de trabalhadores. O legado de Freire foi tão significativo que seguramente o tornou o maior educador do país em todos os *espaçostempos*. Isso se explica quando observamos seus escritos ao defender que os estudantes eram sujeitos de direitos e com vivências e experiências prévias dotados de relevante riqueza cultural, considerando que esses possuía mais experiências do que seus mestres, sendo necessário que as palavras tivessem sentidos para suas vidas.

Não sei, as vezes paro e fico refletindo: o maior legado de Freire teve forte influência na organização dos trabalhadores. Quando a palavra era trabalho, vinha à tona questões como: “condição de trabalho, remuneração, garantias, carga horária trabalhada, descanso, direitos”. Registramos nesses excertos de texto, que Freire chegou a ser rotulado pelos proprietários rurais e empresários como idealizador da praga comunista, dada a organização dos trabalhadores que ele conseguia conscientizar. A proposta de alfabetização freireana teve tamanha repercussão que no fim do experimento, após 45 dias, jornais de todo o país anunciava o sucesso deste importante projeto, tendo inclusive a presença do presidente João Goulart na cerimônia de encerramento.

Nos anos que antecederam o golpe militar em 1964, Goulart entusiasmado com a repercussão do projeto construído por Freire, anunciou em 1962 a multiplicação deste nas propostas de reformas de base, dentre elas, a educação. Preciso pontuar que a contribuição de

Paulo Freire para a educação foi tão marcante que dados catalogados juntos a instituições, departamentos e secretarias de educação registra que há mais de 350 escolas que o homenageia mundo afora. Penso ser necessário acentuar que em 2012, foi sancionada a Lei 12.612/12, que lhe concedeu o título de Patrono da Educação Brasileira.

Não há nos professores que defende uma educação libertadora, humana e humanizante, nenhuma dúvida de que por muito tempo tivemos e ainda temos uma educação bancária, cuja intenção era depositar nos educandos informações sem significado. Contra essa posição ideologicamente opressora, Freire (1968), propõem que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Por essa razão penso que somente com a reflexão seremos capazes de ler o mundo, livrar da opressão, escapar das amarras da alienação.

Os escritos freireanos são contributos para que os sujeitos ao lerem suas obras, se alimentam do desejo de construir suas identidades. Neste sentido, Dubar (1997, p. 239), assinala que:

As identidades sociais e profissionais típicas não são nem expressões psicológicas de personalidades individuais nem produto de estruturas ou de políticas econômicas que se impõe a partir de cima, elas são construções sociais que implicam a interação entre trajetórias individuais e sistemas de emprego, sistemas de trabalho e sistemas de formação.

Essa premissa nos faz refletir o quanto os escritos freireanos contribuíram para que nossa identidade possa ser construída nos diversos *espaçotempos*.

Anuncio aqui dentre o rico legado que Freire deixou para a educação, algumas obras que marcaram a formação e emancipação dos cidadãos, como: Pedagogia do Oprimido, (1968); Pedagogia da Autonomia, (1997); Pedagogia da Esperança, (1992); Educação e Mudança, (1981); Educação Como Prática de Liberdade, (1967); Educação A Sombra Desta Mangueira, (1995); A Importância do Ato de Ler, (1981) Por Uma Pedagogia da Pergunta, (1985); Pedagogia da Indignação, (1997); Medo e Ousadia, (1986). Este legado permitiu que por meio da educação fosse possível construir nossas identidades. Identidades essas aqui apresentadas nos escritos de Nóvoa (1992), ao alertar que: a identidade (Ser e sentir-se professor), não é um dado, não é uma propriedade, não é um produto, mas a identidade é um lugar de lutas e conflitos. É um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. De igual modo, penso que nos diversos *espaçotempos*, nos quais estão imbricados os sistemas educacionais, é possível construir nossas identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CARTAS À PAULO FREIRE PALAVRAS (IN)CONCLUSIVAS

Mergulhei, garimpei, peneirei, me inverei por diversos caminhos, confesso: não dei conta de escrever nem de longe a importância dos escritos deste professor para a educação. Não consegui concluir aqui sua trajetória, seus feitos, nem ao menos seu legado. Não é possível nessas poucas linhas narrar trajetórias tão memoráveis, feitos significantes, legados relevantes que herdamos deste educador.

Encerro aqui expressando nessas linhas notas borradas de lágrimas em uma carta que escrevi quando Freire completou cem anos conosco em 2021.

Ilustre Professor, escrevo-lhe essa carta para dizer que hoje, amanheci pensando que no dia 21 de setembro de 2021, o senhor completou cem anos conosco. Um século dedicado à História da Educação. Educação essa libertadora, humana e humanizante. Preciso pontuar que são décadas em defesa do diálogo caracterizado aqui como “o encontro dos homens pelos homens mediatizado pelo mundo, não esgotando na relação eu tu” (FREIRE, 1987, p. 93).

Cem anos em defesa de uma educação que liberta, humaniza, torna os cidadãos-cidadãs mais humanos. Décadas, século, em prol a uma educação que liberta homens e mulheres da opressão social e da alienação cultural. Anos escrevendo sobre esperança, fé no homem, na transformação do ser humano.

Dezenas de anos anunciando uma educação à Sombra da Mangueira, por que acredita que o aprender pode estar em todos os lugares. Anos! Anos! Anos! Escrevendo sobre a construção da Pedagogia da Autonomia. Décadas! Décadas! Décadas! Denunciando na Pedagogia do Oprimido, as práticas da opressão de uns sobre os outros.

Cem Anos mostrando para nós que a educação efetivamente pode se tornar em uma ação como Prática de Liberdade, em especial, em uma sociedade ladeada de hiatos sociais, práticas preconceituosas, expressão de estereótipos, manifestação de estigmas. Um século falando em uma Pedagogia da Esperança capaz de libertar homens e mulheres das amarras políticas, da opressão social, da alienação cultural.

Professor Paulo Neves Freire, no dia que completou 24 anos da sua partida, dirijo-me ao senhor por meio dessa carta para dizer-lhe que o mundo sem a sua presença não é mais o mesmo. Magnífico educador!!! Por meio dessa, expressei muitas utopias: vontade de ler o senhor para as crianças na educação infantil, no ensino fundamental para os adolescentes, no ensino médio para os jovens, enfim, no ensino superior em todas as instituições para professores e professoras divulgando suas pedagogias.

Quero dizer por meio dessas poucas palavras escritas nessa carta borrada de lágrimas, que o Brasil em 2021, ano do seu centenário, está muito triste, pois milhares estão perdendo o direito de viver; opressores políticos cada vez mais estão usurpando nossos direitos sociais, tirando nossas liberdades, nosso direito de se expressar.

Gostaria de pedir nessa carta que no ano de seu centenário, não fique triste não por que na principal instituição que rege a educação no Brasil seus escritos foram proibidos. Instituição essa que durante quatro anos deveria primar por uma Educação que liberta, humaniza, promove a emancipação, os homens “públicos”, que por lá passaram, apenas oprimiram.

Assim: escrevo ao senhor para dizer-lhe que nós educadores que defendemos uma “educação libertadora, humana e humanizante”, continuamos a ler seus livros nas nossas aulas, indicando-os aos novos professores que estão sendo por nós formados. Aproveito este momento para me dirigir ao senhor para dizer que após 24 anos de sua viagem, a rede mundial de computador (internet), evoluiu e com ela, podemos cada vez mais divulgar seus escritos, falar de suas pedagogias, em especial, para aqueles que defendem uma educação mais humanizadora.

Gostaria de dizer: professor-educador-Paulo Freire que a três décadas atrás lia seus livros com os olhos de outras pessoas, porque tenho deficiência visual em ambos os olhos. Hoje, posso ler seus livros em um computador, tablet, smartphone, tendo a certeza de que a Pedagogia da autonomia que o senhor muito defende chegou até a mim me possibilitando autonomia, libertação, (des)amarra da opressão que os diferentes vivem nessa sociedade excludente.

Caro professor Freire: são cem anos de história benéfica à educação; 24 anos dessa longa viagem; mais de duas décadas esperando sua volta; anos sonhando com um novo (re)encontro que pode ser A Sombra De Uma Mangueira.

Prezado professor insisto: dirijo-me ao senhor por meio dessa carta para dizer que falar, da sua trajetória, de suas obras, de seus feitos, de seu legado, não é possível em poucas linhas. Quero dizer que nós professores que defendemos uma “educação libertadora, humana e humanizante”, temos muitas saudades de ouvir suas palavras, sua expressão: “fé nos homens”, diálogos expressos, mediatizados que não se esgotam na relação “eu tu”.

Não posso concluir. Não tenho palavras para fazer isso. Paro porque preciso dizer: Saudades! Saudades! Saudades!

REFERÊNCIAS

AMADO, J. O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História oral. **História**. São Paulo, n.14, 1995.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11653.pdf>>. Recuperado em: Jul. 2020.

CATROGA, F. Memória e História. In: PESAVENTO, S. J. (Org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

CONNELLY, M.; CLANDININ, J. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, J. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

DUBAR, C. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M, E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUESIN, D. F. B.; FERRAGUT, L. F. Narrativa como objeto de estudo: aportes teóricos. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 2, n. 2, p. 219-237, jul./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/ML/article/viewFile/1450/1475>>. Recuperado em: 10 maio 2020.

NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

QUEIROZ, M. I. P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: Ed. T A Queiroz, 1991.

SOUZA, E. C. **Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas**. Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 135-147.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Orgs.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SOUZA, E. C; CORDEIRO, V. M. R. Histórias a contrapelo: escritas de si, (auto)biografia e formação de leitores. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16, 2007, Campinas. **Anais**. São Paulo: ALB, 2007, p. 1-10. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss07_04.pdf>. Recuperado em: Set. 2020.